

Roberto

(Característica musical forte)

SPEAKER: ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

UMA NOITE, EM SETEMBRO... (Sóbe novamente a característica)

Um romance que Roberto Lis escreveu, vai dirigir e interpretar sob o alto patrocínio da PANTACO S.A. INDUSTRIA E COMERCIO, uma firma que, não satisfeita de bem servir os seus freguezes, oferece-lhes, ainda, todas as terças feiras, por esta Emissora, uma hora de emoção e espiritualidade, através do Grande Teatro Difusora.

(Sóbe a característica, novamente, por alguns momentos)

(ENTRA AQUI A PROPAGANDA DA PANTACO)

(Novamente a característica por alguns momentos)

Antes de darmos início ao programa desta noite, desejo lembrar aos amigos ouvintes que depois de amanhã, impreterivelmente, encerra-se o prazo para o recebimento das cartas que concorrerão aos ótimos prêmios recolhidos no Concurso Pantaco, cujas perguntas são as seguintes:

Está satisfeito com o Grande Teatro Difusora?

Acha que ele deve ser modificado?

Quais as modificações que sugere?

Respondidas estas três perguntas e enviadas em carta fechada à Rádio Difusora, já o ouvinte estará apto a concorrer aos cinquenta metros de Parquet gratuitos que a Pantaco S.A. oferece como primeiro prêmio deste concurso, além de um vidro de perfume finissimo, uma manta de 13 americana e dois esplendidos livros.

(Mais uma vez a característica por alguns momentos)

UMA NOITE, EM SETEMBRO... tem a seguinte distribuição:

| | |
|-------------------------|--------------------------|
| Idília..... | Lilia Maria |
| Comendador Belmiro..... | Roberto Lis |
| Rosabela..... | Nina Rosa |
| Alceu..... | Olavo Engel |
| Arabela..... | Conceição Pereira |
| Leoncio..... | Vitor Moré |
| Eva..... | <i>Lidia Husk (Husk)</i> |
| Fadilha..... | Mario Hornes |
| Martha..... | Tanara Dias |
| Paulo..... | Rubens Alcântara |
| Uma goz..... | Lia Nazareta |
| Luiz..... | Pitágoras |

(Sóbe a característica por alguns momentos)

Os ruídos de estúdio estão a cargo de Emilio Bello e a sonofonia a cargo de Ílio Machado.

(Sóbe a característica por alguns momentos, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

UMA VOZ - Boa noite, queridíssimos ouvintes! Sabeis quem sou - não é verdade?
(Pausa) Sim? (Pausa) Não? (Pausa) Por certo não vos ocorre a lembrança, no momento, mas a verdade é que somos conhecidos de longo tempo e, semanalmente, eu me encontro em contacto convosco. (Pausa) Sou a IMAGINAÇÃO do autor. (Pausa) É a mim que cabe a tarefa, nem sempre fácil, de ditar-lhe as palavras que compõem os seus romances. Sou eu que dou vida e movimento aos personagens que por vezes aplaudis e por outras detestais. Sou eu que, indo ao encontro do vosso desejo ou contrariando-o, aproximo ou separo esses mesmos personagens. Sou eu, ainda, que lançando mão dos recursos de que disponho, preparo as situações, ora trágicas ora cômicas, que vos afligem ou vos distraem. E sou eu, finalmente, que, quebrando o silencio da ideia e transportando-a para o terreno sonoro da expressão, faço aflorar o riso aos vossos lábios ou enevoar de pranto os vossos olhos! (Pausa) Estou sempre ao lado do autor mas nunca me esqueço de vós, e pelo desejo de melhor servir-vos é que estou constantemente em atividade. No espaço que decorreu entre o último programa e o desta noite, em colóquio com o autor ele me disse assim: "Os adultos, como as crianças, também gostam de historias e de brinquedos. É que eles são sempre crianças. Crianças grandes. E, como as pequenas, eles também gostam de ouvir e de brincar. O que acontece, porém, é que os brinquedos, como as historias, são diferentes. A boneca de lãça é substituída pela boneca de carne que tem vida e movimento, embora, muitas vezes, seja sem alma como as outras. O soldadinho de chumbo cede lugar ao soldado de verdade, que anda, fala, ri, luta fêre, mata e quantas vezes também ama e atraiçoa! (Pausa) E assim também as historias já não são mais aquelas onde ha fadas luminosas e principes encantados mas as outras que eles mesmos escrevem no livro grande da vida, onde ha amor e ciúme, inveja e intriga, egoismo e vingança, onde ha ódio e ha morte! (Pausa) Vamos, pois, escrever para eles uma historia assim." (Pausa) Diante do que o autor me dissera e do convite que acabára de me fazer, eu não quiz negar-lhe o meu auxilio e comeci, desde logo, a trabalhar. E foi assim que escolhi para cenário inicial da minha historia "uma noite, em Setembro". (Pausa) Setembro é a primavera e na primavera as flores renascem, as aves voltam aos seus ninhos, as estrelas brilham com maior fulgor e ao nosso coração volta, com maior intensidade, o desejo imenso de ser feliz!... E as noites são lindas, cheias de risonhas promessas, de suaves misterios, inebriantes de perfumes!.... (Pausa longa. Outro tom) Uma noite, em Setembro!...

(Uma suave frase musical de curta duração)

- Alceu - O que tens, mana Idilia? Parece que algo te contrariou ao jantar. Mudaste completamente a tua disposição de ânimo.
- Idilia - Nada, não, Alceu. Esses momentos de indefinida tristeza que nos assaltam, às vezes, sem que saibamos porque.
- Alceu - Quem sabe te aborreceu o fato de eu me ter despedido do emprego? Se foi isto posso te garantir que eu não tinha outro caminho a seguir. Era a única atitude compativel com a minha dignidade. Tu bem viste que eles desconfiaram de mim.
- Idilia - Não, Alceu, juro-te que nem estava pensando nisto. Na verdade eu não sei se sou sincera se não te disser que muito me preocupa a tua volubilidade nos empregos mas affianço-te que neste momento eu pensava em coisas completamente diferentes. Coisas muito remotas. Muito distantes!...
- Alceu - É, mana Idilia, decididamente você não se corrige dessa sua sentimentalidade. Foi a herança que lhe ficou de mãe para compensar a volubilidade que papai me transmitiu. Coisas da hereditariedade! Mas o que pensava você, vejamos.
- Idilia - Nada de importancia, Alceu. Olhando o céu cheio de estrelas nesta noite calma de Setembro, lembrei-me de uma outra noite igual, ha vários anos passados, quando Iwanoska, a minha melhor amiga, lembra-se dela?
- Alceu - Lembro-me, sim, perfeitamente. Eu era menino mas guardo ainda bem nitida a lembrança dela.

Idília - Pobre Iwanoska!... Tão cedo arrebatada deste mundo para o mundo de cristal da luz eterna!... (outro tom) Uma noite estávamos ambas sentadas na sala de jantar da casa de mamãe quando Iwanoska - que folheava um almanaque - disse-me, de repente, cheia de entusiasmo: "Idília, o seu mês é Setembro. Todos os acontecimentos importantes de sua vida terão lugar neste mês e geralmente à noite." E assim foi, na verdade!

Alceu - Por quê? O único acontecimento importante da sua vida que eu me lembro de ter se realizado em Setembro foi o seu casamento.

Idília - Muitos outros, Alceu. Quasi todos, ou melhor, todos. Duas noites depois de Iwanoska ter lido esse prognóstico, eu conheci Edgardo, justamente à noite, em casa de Maria Augusta. Um ano depois, justamente em Setembro e também à noite, tratamos casamento. Depois veio o nosso casamento, o nascimento de Luizinho e alguns anos mais tarde a morte de Edgardo, tudo em Setembro e à noite, como ela predissera. Coincidência, talvez, mas que não deixa de despertar em mim interesse e curiosidade.

Alceu - Sim, coincidência apenas e nada mais. Eu não creio em que os meses, os dias e as horas possam ter qualquer influencia em nossa vida. Ah é verdade, é por falar na nossa vida, o teu procurador hoje à tarde esteve conversando longamente comigo à proposito da questão desta casa. Disse-me que a questão está muito difícil para nós e aconselhou-me a que te convencesse de procurar pessoalmente o Comendador Belmiro para ver se conseguirias dele um prazo mais longo para pagamento da hipoteca.

Idília - Não, Alceu. Quando entreguei os meus negocios a um procurador foi justamente pelo desejo de não me envolver com eles.

Alceu - Mas será a única maneira de conseguires salvar a tua casa. A casa de teu filho, Idília. Por ele, ainda que isto te custe um enorme constrangimento, tu deverás procurá-lo.

Idília - E por que justamente eu deverei ir, se é ele o procurador dos meus negocios e se lhe pago precisamente para resolvê-los?

Alceu - Porque o Comendador, como todo o homem maduro dado a conquistas, é muito mais sensível aos rógos de uma mulher do que a todas as razões de um homem.

Idília - Justamente porque ele é dado a conquistas é que eu não deverei procurá-lo.

Alceu - Mas é preciso, Idília. Será a única maneira de salvares a casa de teu filho. A astúcia, geralmente, é melhor arma do que o bom senso. Não custa ir ao seu encontro, sorris amavelmente para ele e depois de conseguires o que desejas negar-lhe qualquer favor que te solicite. Vai, sim. Deixa-te de tolos escrúpulos. Lembra-te que teu filho mais facilmente te acusará, um dia, de o teres deixado na miséria do que de teres lançado a sombra da dívida na integridade do teu nome.

(CORTINA MUSICAL)

Belmiro - A quem tenho a subida honra de receber em minha casa?

Idília - Sou a viúva de Edgardo Florence, dona da casa da rua Hesperia, que lhe está hipotecada.

Belmiro - Oh, minha senhora, muitíssimo prazer em conhecê-la. Por um acaso feliz poderei servi-la em alguma coisa?

Idília - Sim, comendador. É justamente para sollicitar um grande favor seu que eu aqui me encontro.

Belmiro - Oh, minha senhora, por quem é? Fale. Que deseja de mim?

Idília - A hipoteca da minha casa vence-se precisamente no dia trinta deste mês. Eu não tenho dinheiro para levantá-la e como é a única coisa que ficou da herança do meu marido para o meu filho, também não desejava perdê-la. Venho, pois, sollicitar-lhe uma dilatação de prazo para pagamento da minha dívida. Afirmaram-me que bastaria eu falar ao seu coração...

Belmiro - (Pausa) Bem, mas... dá-se o seguinte, minha senhora... é que... eu não costume interceder nos meus negócios, a senhora compreende? Tenho também um procurador que tem ampla liberdade de resolver tanto as grandes como as pequenas questões.

Idília - Sim, sim, eu sei, Comendador, eu sei. Já quando foi para solicitar a primeira dilatação de prazo, foi com ele, justamente, que eu me entendi.

Belmiro - Bem, então neste caso a senhora já sabe a quem deve se dirigir.

Idília - Mas acontece, Comendador, que o meu procurador já foi se entender com ele e ele negou essa segunda prorrogação. Foi então que me disseram...

Belmiro - Ah não, não, minha senhora, perdê-me mas se o caso é esse, eu, infelizmente, encontro-me impossibilitado de fazer qualquer coisa pela senhora. A senhora compreende que eu não posso, de forma alguma, desautorar o meu procurador. Se ele já resolveu assim...

Idília - Mas eu estou certa de que uma palavra sua, mostrando simpatia pelo meu caso, modificaria completamente a situação.

Belmiro - Creia, minha senhora, que lamento profundamente mas dadas as circunstâncias do caso eu nada poderei fazer.

Idília - (chorosa) Tenha pena de mim, Comendador. Tenha pena de meu filho. Essa casa é o único bem material que possuímos. Se chegamos a perdê-la o que será da nossa vida? (Chora)

Belmiro - Vamos, vamos, não chore. Eu não posso ver lágrimas nos olhos de uma mulher bonita.

Idília - (entre chorosa e revoltada) Ouça, Comendador: o momento não é nada oportuno para o senhor dirigir-me os seus galanteios. Se efetivamente nada pôde fazer por mim, ao menos respeite o meu sofrimento que é grande e sincero.

Belmiro - Perdão, minha senhora, perdão! que mal pôde haver em que eu lhe ache bonita? Já muitas vezes me haviam dito isto mas eu ainda não tivera ocasião de o constatar. Digo-lhe mais: com a sua beleza a senhora não precisava implorar, podia, se quizesse, ordenar.

Idília - (ofendida) Comendador, o senhor está completamente enganado comigo. Eu tenho um nome que procurarei manter digno a qualquer custo e um filho ao lado de quem pretendo andar sempre de cabeça levantada. Da herança que seu pai lhe deixou, entre salvar-lhe a casa por meios escusos ou manter a integridade de seu nome, eu prefiro este último. Com licença. (Passos que se afastam).

Belmiro - Homem!... Com esta agora não contava eu!... Mas é linda, realmente!... A coisa rara! O que tem de linda tem de serial!... É uma lástima!... É uma lástima!...

(CORTINA MUSICAL)

Alceu - Bem razão tinhas tu em dizer que os acontecimentos importantes da tua vida ~~xxxxxx~~ se realizam à noite, em Setembro. Vais ter conhecimento de mais um agora. Sabes quem me mandou chamar ontem à noite?

Idília - quem?

Alceu - O Comendador Belmiro.

Idília - Mandou chamar-te para que?

Alceu - Espera que chegaremos lá. Deixa contar-te a coisa de principio. Ontem à tarde eu fui abordado na rua pelo procurador dele.

Idília - Resolveu conceder-me a dilatação de prazo para pagamento da hipoteca?

Alceu - Espera. Eu já te disse que chegaremos lá. Eu ia indo completamente distraído quando ele chegou e me disse que fôsse à noite à casa do Comen-

gador que ele queria falar comigo. Eu fui. Tu nem calculas a enorme surpresa que me esperava!... Ele começou contando-me da tua ida à sua casa, pedindo desculpas dos galanteios que te fizera e rematou dizendo assim: Há muito que eu procurava uma mulher como a sua irmã. Que não fôsse criança, que tivesse personalidade e a par da beleza fôsse também uma criatura digna. E sabes como rematou a historia? Pedindo-me que fôsse o intermediário do seu pedido de casamento a ti. (Pausa) Não ouviste, maninha? O Comendador Belmiro quer casar contigo.

Idilia - Casar sem amor é uma loucura, Alceu.

Alceu - Mas pelo amor de Deus, mana Idilia! Não sejas tão tola assim. Lembra-te que é a fortuna que entra inesperadamente pela tua porta. E depois não me parece que te assista o direito de fugir a esse pequeno sacrificio levando-se em conta a felicidade futura de Luizinho. Tu, nos teus casos, não teria nenhuma dúvida.

Idilia - Não sei, Alceu, não sei. Bem compreendo que pela felicidade e o bem estar de meu filho eu não deveria ter dúvidas mas acho uma arriscada tão grande!

Alceu - O Comendador Belmiro é um homem reconhecidamente bom, mana Idilia. Tu só não serás feliz com ele se não o souberes levar.

Idilia - Mas lembra-te que isto não dependerá unicamente de nós dois. O Comendador é viuvo e tem duas filhas moças do primeiro matrimonio.

Alceu - Óra, óra, o que importam as filhas do Comendador? Deixa que elas se divirtam à vontade e que nada lhes falte e eu tenho a certeza de que não de estar sempre bem contigo. (Pausa) Vamos, maninha, resolve. Eu fiquei de lhe dar uma resposta hoje ou amanhã.

Idilia - Não sei, Alceu, não sei. Eu vou pensar.

(CORTINA MUSICAL)

Rosabela - O que será que papai quer connosco que nos mandou chamar ao seu gabinete?

Arabela - Presumo que nos fará mais uma das suas preleções de como devemos portar-nos em sociedade. Naturalmente soube que fumamos e bebemos whisky na excursão à encosta do Morro Velho, no domingo passado.

Rosabela - Quem lhe poderia ter contado semelhante coisa? Eramos só moças e rapazes. Todos rizeram o mesmo.

Arabela - Mas nunca falta "uma pessoa amiga" que "com as melhores intenções" venha contar o que viu e o que não viu. A intenção não é outra senão cair nas boas graças de quem poderá prestar-lhe grandes favores. O mundo está cheio desses espertalhões. Tu vais ver se não é justamente isto que eu estou te dizendo. Tu vais ver.

Rosabela - E neste caso o que iremos dizer a papai? Precisamos combinar para não haver divergencia.

Arabela - Iremos dizer, simplesmente, que fizemos o que todo o mundo fez.

Rosabela - Que raiva que me dá de haver sempre quem venha perturbar a nossa tranquillidade. E o pior é que papai nunca nos diz quem foi a pessoa. Vem sempre com o "disseram-me isto. Disseram-me aquilo" "Uma pessoa amiga me avisou". "Uma pessoa amiga me preveniu". Uma pessoa amiga!

Arabela - Amiga, sim, mas não nossa. Amiga da onça. Mas deixa comigo que eu não tenho medo.

Rosabela - Eu tambem não me intimido. Que esperança! Felizmente neste ponto eu saí igualzinha à mamãe. Tendo ou não tendo razão eu não me calo. Sempre tenho alguma coisa para... (Passos que se aproximam)

Arabela - Agora terás que calar. Papai aí vem. Esperemos o ataque.

Belmiro - Ah muito bem, muito bem. Já cá estão as minhas filhas.

- Rosabela - Recebemos o aviso de que o senhor desejava falar-nos...
- Belmiro - É verdade, sim. É verdade. Tenho uma comunicação importantíssima a fazer às minhas filhas.
- Arabela - Meu Deus, papai, o que será? Eu já estou curiosa.
- Rosabela - Eu também.
- Belmiro - Pois então eu já vou satisfazer a curiosidade de vocês. O que lhes tenho a dizer é que me vou casar novamente. (Pausa) Encontrei uma criatura digna do meu nome a quem vocês terão que amar e respeitar igualmente.
- Arabela - Da outra o meu pai dizia a mesma coisa antes de casar-se e no entanto..
- Rosabela - Sim, papai, Arabela tem razão. Não esqueça do que fez a segunda. Pense bem.
- Belmiro - Esta é uma creatura excepcional. De grande personalidade, fina educação e reconhecida honestidade. E além do mais o fato de errar-se uma vez não quer absolutamente dizer que se erre todas as vezes.
- Arabela - Sim, neste ponto o meu pai tem razão mas de qualquer forma não deixa de ser uma arriscada.
- Belmiro - Mas o seu pai sente-se ainda perfeitamente moço e necessita de alguém que o acompanhe, minha filha.
- Rosabela - Não tem o papai a nossa companhia?
- Belmiro - Ora, minha filha, você nem parece uma menina inteligente. A companhia a que me refiro é muito diferente.
- Rosabela - Está bem, papai, o senhor proceda como entender. Nós não temos o direito de interferir na sua vida. Case-se, já que assim o deseja.
- Arabela - E só o que nos cabe desejar é que o senhor tenha melhor sorte com ela.
- Belmiro - Obrigado, minhas filhas. Ah é verdade, tenho ainda outra comunicação a fazer-lhes. Embarcaremos todos para a Quinta do Brejo onde passaremos algum tempo.
- Rosabela - Ora, papai, por que não vai o senhor só com ela? Ficariamos perfeitamente bem aqui em companhia de Martha.
- Belmiro - Nada disto, nada disto. Desejo que estejamos todos juntos. E agora que já estão avisadas deixo-as porque tenho que ir ao cartório assinar uns papéis. Até logo, filhas.
- AS DUAS - Até logo papai. (Passos que se afastam)
- Arabela - (quando os passos desaparecem) Ora que estopada! Irmos para a Quinta do Brejo numa época destas. Lá só é bom em pleno verão.
- Rosabela - A maior estopada é termos que aguentar, de agora em diante uma nova madrasta.
- Arabela - Eu por mim hei de fazer com ela o que fiz com a outra. contrariar-lhe sempre.
- Rosabela - É claro, eu não penso fazer outra coisa. E se ela, a despeito de tudo, resistir como a outra à nossa guerra de nervos, faremos aquele mesmo trabalhinho que deu tão bom resultado.
- Arabela - É mesmo! Aquele foi um trabalhinho em condições!... (Fim as duas)

(CORTINA MUSICAL)

(Ruído de trem para fundo de todo o diálogo)

- Luiz - Tio Alceu, deixa eu me sentar aí do lado da janelinha?
- Alceu - Deixa, mas primeiro você vai prestar atenção ao que eu vou lhe dizer.

Luiz - Sim, tio Alceu, eu presto mas deixe eu passar para a janelinha que eu quero ver as vaquinhas no campo.

Alceu - Está bem, passe. (Pausa) Pronto. Está satisfeito agora?

Luiz - Estou.

Alceu - Bem, então deixe as vaquinhas para depois e responda o que eu vou perguntar a você. Você quer que o tio Alceu fique com você lá na quinta onde estão a sua mãe e o seu padrasto?

Luiz - Quero, sim.

Alceu - O tio Alceu sai todos os dias a cavalo com você, faz pandorgas para você soltar, vai no rio pescar com você, leva você para passear de barco. Tudo o que você quiser o tio Alceu faz.

Luiz - É mesmo, tio Alceu, que bom!... Quero sim, quero.

Alceu - Pois bem, então quando você chegar lá, a primeira coisa que você tem que fazer é pedir à sua mãe e ao seu padrasto para não me deixarem voltar. Mas você não diga que fui eu que lhe pedi. Você diga que você é que deseja que eu fique, que se eu não ficar você vai sentir muita tristeza, diga mesmo que se eu não ficar você também não ficará.

Luiz - Ah mas eu fico, tio Alceu. Eu não quero voltar. Eu estou louco de saudades da mãezinha.

Alceu - Você ilica, eu sei. É só para assustá-los que você vai dizer assim. Compreendeu?

Luiz - Só pra fingir, não é?

Alceu - Exatamente. Só para fingir. Mas você tem que fingir bem que é para eles acreditarem.

Luiz - Eu sei representar, tio Alceu. Eu já representei no colegio. O senhor vai ver como eu vou fazer direitinho.

Alceu - Muito bem, e depois você não vai se arrepender porque você vai ver como o tio Alceu vai ser um ~~lá~~ ótimo companheiro para tudo que você quiser.

(CORTINA MUSICAL)

Arabela - (tom de segredo) O menino chegou. E você sabe por que ele não veio junto com ela?

Rosabela - Para não perturbar a lua de mel dos pombinhos, está claro.

Arabela - Não. Por uma tolice muito maior. Eu ouvi quando ela dizia ao papai que precisava de uns dias para habituar-se à ideia de apresentar-se deante do filho ao lado de outro marido.

Rosabela - Ai, meu Deus!... Que ridícula.

Arabela - Mas você não sabe do melhor. O menino veio na companhia de um irmão dela.

Rosabela - Ora não sei. Você pensa que eu não espiei na hora que ele chegou?

Arabela - Pois eu fui mais esperta que você. Desci, dei um jeito de me defrontar com ele e já tiremos umas boas linhadas. É um rapaz bem interessante.

Rosabela - Pois você não me levou vantagem nenhuma porque eu também já conversei com ele e ele já me disse uns bons galanteios. Está caidinho por mim.

Arabela - Deixe de ser tola, Rosabela. Caidinho por você por que? Porque lhe disse meia dúzia de banalidades que os rapazes dizem sempre que se defrontam com uma moça? Pois ele também me disse e nem por isto eu estou com vencida de que ele está caído por mim.

Rosabela - Você não diz mas está e a prova é que está zangada por que ele mostrou interesse por mim.

Arabela - Está muito enganada, ouviu? Pouco se me dá que ele tivesse dito a você o que bem entendesse.

Rosabela - Eu sei que pouco se te dá. Estás mostrando a tua irritação até no tom da tua voz.

Arabela - O que me irrita é pretenderes te atravessar sempre no meu caminho. Isto é o que me irrita.

Rosabela - Engraçada! Pretender me atravessar no teu caminho por que? Eu tive alguma culpa que ele simpatisasse comigo e me dirigisse a palavra?

Arabela - Óra sai, Rosabela, eu te conheço de sobra. Toda a vida foste uma oferecida.

Rosabela - Aprendi contigo. O exemplo vem de cima. Tu és mais velha que eu.

Arabela - Não vem, não. Eu nunca fiz o que tu fazes por causa de rapaz nenhum.

Rosabela - O que é que eu faço?

Arabela - Óra o que é que tu fazes! Ficas na frente dos rapazes, te requebrando toda, cheia de dengues, rasgando a boca em sorrisos, fazendo olhos de cabra morta, gingando as cadeiras, quando tu das as costas o pobre do infeliz está tonto de tanta carga.

Rosabela - Eu sei. Tu falas é de dor. Seja oferecida ou não seja, o caso é que eles sempre preferem a mim do que a ti.

Arabela - Ah, minha filha, presunção e água benta cada qual toma o que quer. Tu achas que eles preferem a ti pois eu acho justamente o contrário.

Rosabela - Pois vamos ver a quem o novo frango vai arrastar a aza.

Arabela - Está muito bem, vamos ver. Aceito o desafio.

(CORTINA MUSICAL)

Idília - Bom dia, Eva, como vai você?

Eva - Muito bem, obrigada, dona Idília. A senhora vem passado bem?

Idília - Bem, felizmente.

Eva - E o meu amiguinho como vai?

Idília - Fale com a Eva, meu filho. Você nem cumprimentou a sua amiga.

Luiz - Bom dia, Eva, como vais?

Eva - Muito bem, Luizinho e você.

Luiz - Eu vou bem. A cabritinha onde é que está?

Idília - Meu Deus, essa cabrita é o assunto do Luizinho, dia e noite.

Eva - Está no quintal. Queres ir lá ver?

Luiz - Vou, sim. O seu Leoncio está aí?

Eva - Não, o papai está trabalhando no jardim do Comendador. Você não o viu por lá?

Luiz - Não. Então eu vou lá no quintal, sabe Eva?

Eva - Pode ir. (Passos que se afastam)

Idília - (para longe) Forte-se direito, meu filho. Não vá fazer travessuras.

Eva - Não se preocupe, dona Idília, ele é muito comportado. Fica horas aqui em casa e nunca nos incomoda.

- Idília - É que você, também, é muito paciente com ele o que já em casa, infelizmente, não acontece. Arabela e Rosabela estão sempre implicando com o menino. Chegam a irritá-lo de tal forma, às vezes, que ele se torna agressivo.
- Eva - É que talvez elas não gostem de crianças. Quem não gosta geralmente não tem paciência.
- Idília - Não é por isso, não, Eva. Elas se agerram justamente neste pretexto para me incomodar. Eu finjo que não percebo para não agravar a situação e muitas vezes ralho e dou castigo ao menino sentindo que a culpa do que ele fez cabe unicamente a elas.
- Eva - Então é por isso que ele gosta tanto de estar aqui conosco. Tanto eu como papai procuramos fazer-lhe todas as vontades.
- Idília - É claro. A criança gosta de estar onde é bem tratada. Foi por isto que o trouxe hoje para passar o dia com você. Não irá causar-lhe nenhum transtorno isto?
- Eva - De modo nenhum, dona Idília. Eu terei até muito prazer e fico muito agradecida pela confiança que a senhora deposita em mim.
- Idília - Não tem nada que agradecer, Eva. Você merece essa confiança. Nestes poucos meses de convivência tem sido tão boa para ele! É que nós hoje vamos passar o dia todo na Quinta do Bom Retiro, do outro lado do Arroio. É um convite que nos fez o proprietário, desde que chegamos aqui, e que já não é mais possível protelar. Como não me pareceu conveniente levar o menino deliberei deixá-lo com você.
- ~~Idília~~ Eva - Fez muito bem, dona Idília. Papai vai ficar radiante quando chegar para almoçar. São tão amigos os dois. Conversam, discutem, queria que a senhora visse.
- Idília - Eu sei. Ele me conta tudo quando chega em casa. A princípio o seu companheiro era o tio mas de uns tempos para cá não sei o que houve entre eles que já não se acertam mais. Ele só se sente bem aqui na sua casa.
- Eva - Pois a senhora pôde ir descansada, dona Idília, que ele fica perfeitamente bem conosco. A senhora quer que papai vá levá-lo à noite?
- Idília - Não é preciso, obrigada. Quando nós chegarmos eu mandarei buscá-lo. Adeusinho, então, Eva e muito obrigada ouviu!
- Eva - Não tem porque, dona Idília. Passem muito bem o dia, a senhora e o Comendador.

(CORTINA MUSICAL)

- Arabela - Dona Idília, trago um presente para a senhora.
- Idília - Um presente para mim, Arabela? É muita gentileza da sua parte.
- Arabela - A senhora merece, dona Idília. É tão boa para mim.
- Idília - Ah mas você nem sabe como eu fico satisfeita de lhe ouvir falar assim.
- Arabela - Eu sempre digo isto, dona Idília. Nem tem conta as vezes que tenho discutido com Rosabela. Sempre que ela pretende atacar a senhora eu lanço incontidamente o meu protesto.
- Idília - Mais uma vez obrigada, Arabela.
- Arabela - Veja se lhe agrada o presente. Foi uma joia que mamãe deixou para mim e como eu não uso resolvi dar de presente a uma pessoa a quem eu quizesse muito bem.
- Idília - Que linda pulseira, Arabela!... Você me deixou até comovida com a sua lembrança! Eu nem sei se tenho o direito de aceitar um presente destes.
- Arabela - Claro, dona Idília. Faço questão que aceite.

Idília - Mais uma vez obrigada, Arabela. Eu nem sei como testemunhar a você a minha gratidão.

Arabela - De uma maneira muito simples, dona Idília. Eu e Alceu... eu acho que a senhora já percebeu que nós nos gostamos, não percebeu?

Idília - Sim, quer dizer... eu estava mais ou menos desconfiada de alguma coisa.

Arabela - Pois é, nós nos gostamos muito e eu espero que a senhora seja a nossa protetora.

Idília - Está muito bem, Arabela. O que depender de mim eu não terei nenhuma dúvida em fazer. Tenho muita vontade que Alceu se case. Pode ser que assim ele tome juízo.

Arabela - Vai tomar, sim, a senhora verá. Quer dizer então que posso contar com a sua proteção?

Idília - Sim, eu já disse a você que farei o que puder.

Arabela - Mas não fale nada para a Rosabela, sim? Mesmo porque ela falou tanto do Alceu e da senhora que a senhora nem deveria mais olhar para a cara dela.

Idília - Não tenha receio, Arabela. Eu não direi nada a ninguém.

(CORTINA MUSICAL)

Rosabela - Dona Idília a senhora pode me conceder alguns momentos de atenção?

Idília - Pois não, Rosabela. O que deseja você?

Rosabela - Eu queria fazer um pedido à senhora. Antes, porém, eu queria dar-lhe estes brincos que há muito tempo eu destinei à senhora.

Idília - Ah, muito obrigada. Mas que lindos brincos!...

Rosabela - Foram de minha mãe mas como eu não tenho as orelhas furadas desde que a conheci que pensei em dá-los à senhora.

Idília - Mas quem sabe você fura as orelhas para usá-los, Rosabela? São tão lindos! Vale a pena guardá-los.

Rosabela - Não senhora, faço questão que a senhora fique com eles. Principalmente porque Arabela brigou muito comigo por causa deles. Disse que a senhora não merecia que era uma intrigante, uma intrusa. Meu Deus, disse tanta coisa que eu acabei perdendo as estribeiras e dizendo-lhe uns desaforos.

Idília - Óra, para que? Eu não quero de forma alguma que vocês se indisponham por minha causa. Afinal vocês são irmãs devem ser amigas.

Rosabela - Bem sei, mas eu também não posso consentir que ela faça injustiças à senhora que é tão boa e nos trata tão bem. Às vezes eu chego a perguntar a mim mesma a razão porque ela tem tamanha implicância com a senhora e com o seu irmão. Com ele então é uma coisa que não se compreende. Já passou de implicância. É um pavor que ela tem do pobre rapaz sempre tão simpático e tão amável. E por falar nele... eu não sei se a senhora já percebeu...

Idília - Já percebi, sim. Já percebi tudo. Na muito que eu estou percebendo.

Rosabela - É mesmo dona Idília? Meu Deus, será que a coisa está assim a ponto de ser percebida por todos? O que é que a senhora percebeu, dona Idília? Diga, diga. O que é que a senhora percebeu?

Idília - Que vocês os dois tem lá uma escrita meio complicada.

Rosabela - É, sim. Nós nos gostamos muito, sabe dona Idília? E eu então queria que a senhora nos auxiliasse, sabe?

Idília - Está muito bem, Rosabela, estamos entendidas. Eu verei o que é possível fazer.

- Rosabela - Mas a senhora não diga uma palavra à Arabella, ouviu dona Idília? Ela seria capaz de inventar mil coisas para nos separar.
- Idília - Não tenha receio. Pôde ficar descansada que eu não direi nada a ninguém.
- Rosabela - Obrigada, dona Idília. Muito obrigada. A senhora é um anjo!... (Passos que se afastam).
- Idília - Meu Deus, meu Deus!... Que pirão horrível que está me fazendo o Alceu. Como poderá sair deste labirinto que ele me preparara? Por óra só vejo um recurso que é justamente o que ele está empregando: acender uma vela a cada santo!

(CORTINA MUSICAL)

- Luiz - Mãesinha, por que não me deixaste ficar até de noite na casa da Eva? O seu Leoncio, quando terminasse o trabalho, ia me fazer uma gaiola de taquarinhos, eu mandaste me buscar cedo ele não pode fazer.
- Idília - Amanhã você volta e ele faz a gaiola, meu filho. Eu não quis que você voltasse à noite porque você está ameaçado de gripe e o sereno ia lhe fazer mal.
- Luiz - Eu botava a capa pela cabeça, como fiz outro dia, o sereno não passava.
- Idília - Mas o sereno molha o campo e você apanhava umidade pelos pés.
- Luiz - Ah mãesinha, tu sabes que o tio está namorando a Eva?
- Idília - Deixe de dizer tolices, Luizinho. Nem repita uma coisa destas.
- Luiz - É verdade, sim, mãesinha. Eu vi. Ele agarrou a mão dela, ficou segurando, disse que gostava dela e tudo.
- Idília - Isso é mesmo verdade, meu filho?
- Luiz - Juro por Deus Nosso Senhor. Quando foi pra eu vir embora ele disse assim: beija a mão da tia Eva, anda. Aí ele mandou eu beijei.
- Idília - Seu tio disse isto para brincar com você. Você nem fale isto para ninguém que o seu Leoncio pôde saber e aborrecer-se com a Eva.
- Luiz - Não, mãesinha, eu não vou ralar mas eu vi que não foi por brincadeira. Ele olhava assim bem demorado nos olhos dela e ela também olhava.
- Idília - Bem, não se rala mais neste assunto. Vá botar a capa no quarto e passar um pente nos cabelos para vir jantar. (Passos que se afastam). Meu Deus, que horror!... Quando Alceu deixará de me dar aborrecimentos e preocupações? E que ele se divirta à custa de Rosabela e de Arabella vá lá mas que abuse da ingenuidade e da sinceridade de Eva isso eu não posso consentir.

(CORTINA MUSICAL)

- Alceu - (quasi gritando) Você não tem nada que se meter com a minha vida.
- Idília - Fale baixo. Eu não admito que você grite comigo e principalmente dentro de minha casa. E isso de você dizer que eu não tenho nada que me meter com a sua vida está muito errado, entendeu? Quem lhe dá tudo não sou eu? Pois se quer ser independente e não ter a quem dar satisfações vá trabalhar para manter-se.
- Alceu - Muito bonito! A minha irmã, pôdre de rica, atirando-me em cara o que faz por mim.
- Idília - Não estou atirando coisa nenhuma. Estou apenas lembrando para justificar a minha atitude de interferir. Se minhas enteadas não merecem respeito de você, Eva é muito diferente. É boa, sincera, e além de tudo é uma menina pobre, filha do nosso jardineiro a quem a sua corte só poderá prejudicar. Divirta-se com as outras. Não lhe chegam duas?
- Alceu - Você sabe se eu estou namorando para me divertir? Eu lhe disse alguma coisa?

- Idília - Não era preciso que você me dissesse. Eu lhe conheço muito bem, Alceu.
- Alceu - Você pensa que me conhece. Pensa. Eu não sou nada disto que você imagina. Sei perfeitamente o que estou fazendo e nas minhas questões sentimentais não recebo nem admito palpites de ninguém.
- Idília - Mas os meus você terá que admitir e receber. Eu é que não admito que você continue a divertir-se à custa de uma menina como Eva.
- Alceu - Você se julga com o direito de me dizer o que entende porque me dá casa e comida mas esquece-se que se tem a posição que hoje tem deve-a unicamente a mim. Lembre-se que você não queria casar-se com o Comendador Belmiro e fui eu que lhe aconselhei.
- Idília - Não nego mas só por isto não lhe cabe o direito de abusar da hospitalidade que lhe oferecemos.
- Alceu - Eu já disse que ninguém tem que se meter na minha vida sentimental.
- Idília - E eu já disse que ninguém ha de fazer Eva de boba.
- Alceu - É um desafio? Aceito-o. Mas queira Deus que um dia você não se venha a arrepender amargamente. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

- Eva - Óra que pena, dona Idília! Não trouxe o Luizinho?
- Idília - Não, Eva. Hoje tenho um assunto muito importante para falar com você e ele só poderia nos perturbar. Desde ontem à noite que eu estava aflitíssima para vir aqui e pensando nisto quasi que nem pude dormir à noite.
- Eva - Meu Deus, dona Idília, o que será? A senhora está começando a me assustar.
- Idília - Também não ha necessidade de chegar a tanto em todo o caso quanto mais rapidamente eu puder agir melhor será para você.
- Eva - Mas fale, pelo amor de Deus, dona Idília. Eu estou ansiosa.
- Idília - O que ha é o seguinte: você sabe que eu me quero bem, Eva, pelas suas qualidades de caráter e de coração e principalmente pela maneira carinhosa como você trata o meu filho. Juro-lhe que você, para mim, vale muito mais do que essas moças elegantes da sociedade, sem alma e sem coração. E se eu tivesse um irmão que o estasse realmente de você e fôsse digno de merecê-la eu quero que você acredite que eu a receberia de braços abertos como cunhada. E é justamente por causa de meu irmão que me encontro agora aqui.
- Eva - Ele falou alguma coisa à senhora a meu respeito?
- Idília - Não. Ele não me falou absolutamente nada mas eu já estou informada que ele vem aqui de vez em quando conversar com você e que já lhe propoz casamento. Não é verdade?
- Eva - (acanhada) Sim, dona Idília, é verdade.
- Idília - E você pensa que ele será capaz de casar com você?
- Eva - À principio eu achava que não e por esse motivo tratei sempre de afastá-lo do meu caminho. Eu via que ele era um rapaz elegante, irmão da senhora do comendador Belmiro e que eu, embora tivesse sido educada e recebido instrução num collegio de freiras, não passava, afinal, da filha do humilde jardineiro do Comendador. Evitei-o o mais que me foi possível. Acontece, porém, que ele, não se conformando com a minha atitude, cada vez me procurava com maior insistência.
- Idília - É assim que eles fazem, quando encontram resistencia.
- Eva - Tanto rondou, tanto insistiu, tantos rôgos de amor me fez que eu acabei cedendo e acreditando que o tivesse realmente impressionado.

- Idília - É naturalmente scabou também gostando dele, não é verdade? (Pausa) Diga sem constrangimento.
- Eva - Sim, dona Idília.
- Idília - Pois esse foi todo o meu pavor quando ontem fui informada do que se estava passando. (Pausa) Que pena, Eva! (Pausa) Eu não desejava que você sofresse mas infelizmente cheguei tarde demais para evitar-lhe o sofrimento.
- Eva - Por que, dona Idília? Ele é casado, é?
- Idília - Não, Eva. Ele não é casado, mas infelizmente o meu irmão é um grande leviano e está se divertindo com você, iludindo-a.
- Eva - (decepcionada) Dona Idília!... Será possível?!...
- Idília - Infelizmente, Eva, a verdade é esta. Ao mesmo tempo que ele jura a você um amor que não sente, lá em casa diverte-se na conquista simultânea das minhas enteadas. E se amanhã aparecer mais uma ou duas que lhe deem confiança não lhe faltará a lábia necessária para convencê-las de que está perdidamente apaixonado por elas. E ele é maneiroso, sabe bem insinuar-se e tirar as melhores vantagens da sua simpatia. Sei que a decepção profundamente revelando-lhe a verdade nua mas creia que o faço para o seu bem e para evitar que você venha a prejudicar-se com esse namoro.
- Eva - (triste) Eu sei, dona Idília. Eu compreendo a sua intenção e só tenho que lhe agradecer. Foi realmente uma grande tolice da minha parte. Uma pretensão que eu nunca deveria ter alimentado. Esqueci-me da humildade da minha origem e que um rapaz como o seu irmão só pôde se aproximar de uma moça como eu para fruir vantagens.
- Idília - você é digna de melhor sorte, Eva.
- Eva - (chorosa) Foi pena que eu não lhe tivesse confessado a verdade desde o princípio porque então eu não estaria agora sofrendo da maneira que estou. Olhei as estrelas no alto do firmamento e acreditei que para alcançá-las bastasse estender os braços. No meu entusiasmo, esqueci que o céu era demasiadamente alto e os braços demasiadamente curtos para atingi-lo. Só me resta agora a decepção de recolher as minhas mãos vazias.
- Idília - Eva, minha amiga: você precisa esquecer Alceu.
- Eva - Bem sei que preciso, dona Idília!... Mas até que o consiga, quantas lágrimas terei que verter.
- Idília - Eu quero ajudá-la e inicialmente tratarei de conseguir de seu pai a necessária licença para mandá-la passar algum tempo bem longe daqui. Não será difícil arranjar um pretexto. Você vai aprender música, pintura, enfim, aprender qualquer coisa que você deseje. Tenho umas tias em Santa Efigênia que com uma recomendação minha não de recebê-la de braços abertos. E você vai ver que remédio infalível é a distancia para curar os males do coração.
- Eva - Ah dona Idília! Nem sei como agradecer-lhe tamanha generosidade!...
- Idília - Queira-me bem e eu estarei regamente compensada do pouco que me for possível fazer por você. E agora é tempo de voltar para a casa. De chegada lá procurarei falar com seu pai e se fôr possível amanhã mesmo você embarcará. Mas lembre-se que ninguém deverá saber para onde você foi. Amanhã voltarei aqui para positivarmos a sua partida. Adeusinho, Eva. E não fique triste. Lembre-se que há males que veem para bem.
- Eva - Até amanhã, dona Idília. Deus a recompense pela sua bondade. (Passos que se afastam) (Pausa) Que triste é o despertar de um sonho que nos levou ao mundo colorido da fantasia!... E que ~~marxoxá~~ ~~escuró~~ ~~é~~ o caminho da vida quando se apaga a chama da ilusão!...

(CORTINA MUSICAL)

- Leoncio - Minha filha vai me fazê muita farta mas se tratando da felicidade dela eu não tenho o direito de impedir.

Idília - O senhor passará a fazer as refeições aqui em casa e até mesmo a dormir, se quiser. Assim não se sentirá tão só.

Leoncio - Tá muito bem, dona.

Idília - Eu mandarei mensalmente uma importância às minhas tias para custear as despesas de Eva e ao fim do ano eu conseguirei com Belmiro uma licença para o senhor ir até lá visitá-la.

Leoncio - A senhora é muito boa, dona. Deus ha de lhe dá a recompensa.

Idília - Sua filha merece tudo isso, Leoncio. Então agora quando você for almoçar você diga a ela que ficou tudo acertado e que ela se prepare para embarcar no trem das cinco. Uma hora antes eu estarei lá.

Leoncio - Tá muito bem, dona. A bagage é quagi nada. Num momento ela arruma.

Idília - E não esqueça as minhas recomendações, Leoncio. Você vai dizer a todos que ela foi para um lugar completamente diferente.

Leoncio - Não tem pirigo, dona. Póde ficá descansada que o vário Leoncio sabe guardar segredo. Lixa que se ele quizesse falá!... Quanta coisa esses ôio já viu aqui nessa Quinta do Bréjo e nunca essa boca se abriu pra falá.

Idília - Pois é. Assim mesmo é que tem que ser. Então vá, Leoncio, vá.

Leoncio - Vê, sim, dona, vê. Deus teje sempre com a senhora.

(CORTINA MUSICAL)

Alceu - (furiado) Eu tenho certeza que foi coisa tua. Ou tu me dizes a verdade ou então...

Idília - Pensas que me intimidam as tuas ameaças, Alceu? Foi coisa minha, sim. Eu te avisei que não consentiria que tu a fizesses de boba.

Alceu - E para onde a mandaste?

Idília - Não te direi.

Alceu - Idília, idília. Tu abusas da minha paciência. Eu quero saber para onde a mandaste, ouviste?

Idília - Ouvi perfeitamente mas não te direi. Mandei-a para longe das tuas garras de Don Juan.

Alceu - Pois bem, continuas a teimar comigo, não é? Pois aviso-te que te agirá bem cara essa peça que me pregaste.

Idília - Não tenho medo das tuas ameaças. Pódes fazer o que quizeres.

Alceu - Pois has de ver. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

Alceu - Você, Arabela, é um pedaço de céu, cheio de estrelas. Você é a nuvem de rosa dos meus sonhos! Se você não existisse, a vida seria para mim inútil e vazia!... Você, Arabela, é a rainha do meu coração.

Arabela - Ai, Alceu!... Sinto lembrar-me de felicidade ouvindo-o falar assim. Só o que lastimo é não poder ter a certeza de que você me diz realmente a verdade.

Alceu - (ofendido) Duvidas de mim, Arabela? Então não sentes a sinceridade nos meus gestos, na minha voz e no meu olhar? O que poderei fazer para que te convenças da verdade?

Arabela - Passar do campo das palavras para o campo de ação. Tu me queres e eu te quero. Quem poderá impedir que unamos nossas vidas e sejamos felizes? Pede a minha mão a papai e tratemos de concretizar o nosso sonho.

Alceu - Não é possível, Arabela. Infelizmente não é possível.

Arabela - Não é possível por que?

Alceu - Porque desgraçadamente minha irmã se opõe ao nosso casamento e você sabe que mais desgraçadamente, ainda, é dela unicamente que eu dependo.

Arabela - Ah, então ela se opõe a que nos casemos?

Alceu - Sim. E faz uma guerra horrível!

Arabela - Pois bem, então ela vai ver que inimiga terrível é Arabela. Vou vingarme sem nenhuma piedade.

Alceu - Isso, Arabela, isso. Vingue-se. Vingue-se por você e por mim.

(CORTINA MUSICAL)

Alceu - Você, Rosabela, é um pedaço de céu cheio de estrelas! É a nuvem cor de rosa dos meus sonhos! Se você não existisse a vida seria, para mim, inútil e vazia!... Você, Rosabela, é a rainha do meu coração!...

Rosabela - E você nem sabe, Alceu, o que eu daria para ter a certeza absoluta desse reinado!

Alceu - Como?!... Tu duvidas de mim? Então não sentes a minha sinceridade nos meus gestos, na minha voz e no meu olhar? O que poderei fazer para que te convenças da verdade?

Rosabela - Normalizar esta situação indecisa, pedindo-me a meu pai em casamento.

Alceu - Não é possível, ~~xxx~~ Rosabela. Infelizmente não é possível.

Rosabela - Ora essa! Mas quem te impedirá de realizar um desejo que é teu e que é meu?

Alceu - Minha irmã Idília, da qual em tudo dependo, infelizmente.

Rosabela - Tua irmã?!... Não é possível, Alceu.

Alceu - É o que te parece. Faz uma guerra terrível ao nosso projeto de casamento.

Rosabela - Pois então se ela quer a luta ha de encontrar com quem lutar. Hei de mostrar-lhe que comigo não se brinca. Serei implacável na minha vingança!..

Alceu - Isso mesmo, Rosabela, vingue-se. Vingue-se por você e por mim!

(CORTINA MUSICAL)

Arabela - Pois muito bem, se ele não sabe por quem se decidir eu faço a você uma proposta.

Rosabela - Diga lá. vejamos se me convem.

Arabela - Unamo-nos na vingança contra Idília e depois sorreamos Alceu. A que tiver mais sorte ficará com ele.

Rosabela - Está bem, aceite. (meia voz) eu sempre tive sorte no jogo. Aposte como ele tocará para mim. (alto) E o que faremos para nos vingar dela?

Arabela - Vai ao meu quarto hoje à noite e traçaremos em conjunto o nosso plano de vingança.

(CORTINA MUSICAL)

Padilha - Já viste os peixinhos do lago?

Luiz - Não. Eu nem nunca vi lago aqui. Lem sabia que tinha.

Padilha - Vem comigo que eu te mostrarei.

Luiz - Mas eu não avisei nada à Mãe, ela pôde se assustar.

Padilha - Não se assusta, não. É pertinho, tu voltarás logo. Vem por aqui comigo.

Luiz - Quem é o senhor que eu nunca lhe vi?

Padilha - Sou um amigo de seu Padrasto. Já trabalhei com ele muitos anos aqui na Quinta. Outro dia eu estive aí à noite mas você estava dormindo.

Luiz - Se a mãe souber que eu me afastei de casa sem licença vai ficar muito aborrecida comigo.

Padilha - Ela não precisa saber. O lago está tão pertinho. É só atingirmos o bosque de eucaliptus e em seguida você o verá. Tem uns peixes vermelhos pequeninos assim.

Luiz - Eu já estava tão afastado da casa sem licença e agora estou mais ainda. Eu acho que vou dar volta. É melhor. Depois mãe pode se assustar.

Padilha - Dar volta porque? Não, vem comigo. Estamos bem perto.

Luiz - Não vou, não. Eu quero dar volta.

Padilha - Que volta coisa nenhuma. (enérgico) Venha comigo, estou dizendo.

Luiz - Não vou. (assustado) Solte-me. (gritando) Mãe! Solte-me. (gritando) socor... (grunhidos de alguém que quer gritar mas tapam-lhe a boca)

Padilha - Que socorro, nem socorro. Para-te quieto. (gritando) Depressa, Epaminondas. Podes vir. Segura-lhe os pés e ajuda-me a levá-lo para o automóvel. Esse está no papo.

(CORTINA MUSICAL)

(ruído de discar um telefone e depois a chamada por duas ou três vezes)
(Passos que se aproximam e ruído de levantar o telefone do gancho)

Idília - Prova.

Padilha - (gastando) É da casa do Comendador Beirão?

Idília - Sim.

Padilha - É a senhora do Comendador que está ao telefone?

Idília - Sim, ela mesma. Quem fala aí?

Padilha - Fala aqui um amigo que não deseja revelar o nome. Se a senhora quer encontrar o seu menino vá amanhã às três horas da tarde ao número quarenta e cinco da rua Aurelia que ele lá está.

Idília - Mas, por favor, quem fala? Diga-me. Eu lhe darei o que o senhor exigir em troca do meu filho.

Padilha - Tenha calma e escute, minha senhora. Eu não desejo coisa alguma em troca do seu filho. Desejo apenas restitui-lo mas para isto é necessário que a senhora guarde absoluto segredo deste telefonema e amanhã às três horas da tarde vá ao local que estou lhe indicando.

Idília - Qual foi o endereço, por favor? Repita, sim. Eu estou tão nervosa que nem o escutei.

Padilha - Rua Aurelia 45. E não esqueça que deve ir só e conservar segredo total sobre este aviso. Não tenha receio que nada lhe acontecerá. (ruído de desligar telefone)

Idília - Alô! Alô!... Ouça, por favor, alô!... Desligou. (chorando) Meu filho!... Meu filho querido. (Soluços)

(CORTINA MUSICAL)

Paulo - Foi a senhora que falou comigo no telefone?

Idília - Sim. Atrazei-me um pouco porque como eu precisava vir aqui ocultamente...

Paulo - Compreendo, sim. Compreendo. Vamos tomar a saúde do nosso primeiro encontro.

Idília - Quem mora aqui?

Paulo - Unicamente eu. Não tenha receio que estamos sós.

Idília - É o menino?

Paulo - Saia para fazer uns mandaletes. Nestas ocasiões eu procuro sempre despistar o talo. Tire o chapéu e as luvas para ficar mais à vontade.

Idília - Obrigada. Estou bem assim. Desejo resolver o nosso negocio com a maior brevidade possível.

Paulo - Por que tão apurada? Tem hora certa de voltar? (Batidas à porta) Com licença, sim? Eu vou despistar esse importuno. (Passos que se afastam)

Idília - Estou arrependida de ter vindo só e nada ter dito a Belmiro. Não estou gostando do jeito desse homem. O que pretenderá ele de mim? Se houvesse como rugir... (Passos e vozes que se aproximam)

Paulo - (longe, e depois se aproximando) Vire para lá esse revolver, homem! Que maneira de introduzirem-se na casa dos outros! O que desejam os senhores aqui? Não lhes cabe o direito de entrar deste modo em casa de ninguém.

Padilha - Cale-se. Cale-se antes que eu lhe faça saltar os miólos. Veja se eu menti ou falei a verdade, Comendador. Aí está ela.

Idília - (levando um susto) Belmiro!...

Belmiro - Parece mentira que você...

Idília - Belmiro, deixa-me explicar, por favor, Belmiro. Eu vim aqui...

Belmiro - É inútil. Eu já sei de tudo.

Padilha - É não é esta a primeira vez que ela procede assim.

Idília - É mentira. É uma infâmia! Quem é este homem que me acusa injustamente?

Padilha - Não interessa quem possa ser. O essencial é que desvendei os olhos do seu marido.

Belmiro - É o senhor, seu dom Juan barato...

Paulo - Eu não tive culpa. Eu juro que não tive culpa. Foi ela que me telefonou marcando este encontro...

Leoncio - (afastado) É mentira!...

Belmiro - Leoncio, você aqui?

Leoncio - Eu, sim, Comendador. Vim aqui pra salvar a sua dona que tá inocente em toda essa ingrotação. Foi uma arapuca que armou pra sua dona e ela caiu.

Belmiro - É essa mulher quem é?

Martha - (assustada) Eu não tenho culpa, eu juro que não tenho culpa. Foi ele que me pagou para eu telefonar a esse outro como se fosse a sua mulher.

Padilha - É mentira.

Martha - Foi ele, sim, eu juro. Deu-me até esta corrente de ouro e esta medalha e prometeu depois dar-me dinheiro.

Belmiro - Esta corrente e esta medalha pertencem a uma de minhas filhas. Mas que massaroca é esta, pelo amor de Deus!... Expliquem isto antes que eu enlouqueça.

Leoncio - Eu vou explicar, Comendador. Um momento. Para aí, rapazinho. Ninguém me passa pro lado da porta. Volta pra lá. Esse rapaz aqui não tem culpa. Telefonou pra ele marcando esse rendezvô como se fosse a dona Amélia.

Paulo - Eu não disse ao senhor? Foi isso mesmo.

- Leoncio - É quem telefonô foi essa aqui. Foi ou não foi?
- Martha - Foi eu, sim, mas eu não tive culpa, já disse. Foi ele que mandou.
- Padilha - É mentira. Essa mulher é uma intrujona.
- Leoncio - Não é mentira, não. Tu é que tá mintindo, cara perparada. Mais não adianta minti que eu sei de tuão. Tu telefonô pra dona também.
- Idília - Leoncio tem razão. É isso mesmo. Foi ele que me telefonou, sim, dizendo que eu viesse a esta casa sem dizer nada a ninguém, se quizesse salvar o meu filho. Bem que eu estava reconhecendo a voz.
- Paulo - É foi por isto, então, que a senhora me perguntou pelo menino?
- Idília - É claro. A quem pensa o senhor que eu me referia?
- Paulo - A um menino que eu venho aqui para os mandalotes.
- Leoncio - ~~mas~~ Depois de perpará essa intriga toda ele foi avisá o sinhô, Comendadô, pro sinhô vim aqui e solprendê a dona com o mocinho ali. Mais isso foi tudo perparado por ele.
- Belmiro - É como você pode saber de tuão, ó Leoncio?
- Leoncio - Iscuiando um bucadinho aqui, um bucadinho ali, ovindo em baxo das janela, e no fim dando o gorpe do casamento aqui pra essa paca e ela caia dereitinho.
- Martha - Falso. Eu pensando que ele queria mesmo casar comigo!
- Leoncio - Era a maneira de sabê das coisa. Eu vi esse sujeito conversando com ela perto do bôcco de acalipi a cousa já não me chero bem. Dei o gorpe e pegô.
- Idília - É a todas essas o meu filho? Isso é o que mais me interessa.
- Leoncio - Tá siguro. Tá lá na casa dela. Daquí nós já vamo buscá ele.
- Martha - Está lá em casa, sim. A mamãe ficou tomando conta dele.
- Idília - É ele está bem, está? A senhora garante-me que ele está bem?
- Martha - Está bem, sim. A mãe gostou dele e tratou ele bem.
- Belmiro - Bem, então vamos chamar a policia para entregar a ela os culpados desta trama toda. Onde está o telefone?
- Padilha - Pense bem, Comendador. O senhor talvez se arrependa de envolver a policia neste negocio. Ela talvez tenha que penetrar na sua casa e retirar de lá as suas filhas e o seu cunhado.
- Belmiro - O que? Então estes bandidos tiveram a coragem de fazer semelhante coisa? Pois não de pagar todos. Não de ir para o lugar que lhes compete em verdade.
- Idília - Não, Belmiro. Peço-lhe que tenha pena dos pobres infelizes. Mande-os embora e nada mais. Afinal elas são suas filhas e ele é meu irmão.
- Belmiro - São uns bandidos, todos.
- Idília - Bem sei, mas é tão bom perdoar. Você vai fazer o que eu lhe peço, sim Belmiro?
- Belmiro - Está bem, va lá. Você tem um grande coração!...
- Idília - É agora então conduza-nos à sua casa. Eu estou desesperada para abraçar o meu filho.
- Martha - Vamos, eu levo a senhora lá.

Idilia - Oh, meu filho, eu já estava aqui desesperada a procurar você por toda a parte. Já estava pensando que o tivessem roubado outra vez.

Luiz - Não, mãesinha, tu sabes o que aconteceu? Enquanto tu foste com o Comendador levar o presente que vocês compraram para o Leoncio, o tio Alceu entrou no Gabinete do Comendador com Rosabela e Arabela e eu fiquei espiando da janela e vi quando elas abriram o cofre do pai, tiraram todas as joias e saíram lá para o lado do bosque de eucaliptus. Eu fui espiar para ver onde elas iam esconder as joias mas elas chegaram lá, tomaram um carro e saíram na disparada pela estrada a lórá. Levaram todas as joias, mãesinha. Deixaram o cofre vazio.

Idilia - Não faz mal. Que se vão os anéis mas fiquem os dedos. Foi melhor que eles mesmos procurassem a distancia em vez dela ser imposta por nós. E esse último crime que cometeram servirá para afastá-los de nós definitivamente. Agora, ao menos, a paz voltará à nossa casa. A joia mais cara que me haviam roubado - e que és tu, meu filho - essa Deus na sua misericórdia me restituiu...

(CORTINA MUSICAL)

~~XXXXXXXX~~

Belmiro - Dez horas da noite. Deveríamos repousar depois de um dia tão cheio de emoções. Mas a noite está tão linda, com tantas estrelas no céu! A quietude é tão grande que a gente não tem coragem de quebrá-la com o menor gesto. Não tenho a menor ideia de ter visto antes uma noite tão linda.

Idilia - É porque você nunca se lembrou de reparar, Belmiro mas são sempre assim as noites de Setembro!...

(CORTINA MUSICAL)

UMA VOZ - E aqui estou novamente, queridíssimos ouvintes, para por um ponto final na minha história. Deixei o Comendador Belmiro e sua esposa comodamente sentados no alpendre da casa da Quinta do Bréjo, gosando o feliz desfecho de um romance que teve o seu início uma noite em Setembro. Luizinho sonha com os anjos. Na estrada coberta de poeira, um carro vai afastando os personagens de Alceu, Arabela e Rosabela. Que destino terão? Estou cansada. Desculpai, sim? Eu desejaria ficar por aqui. ~~XXXXXXXX~~ Podeis dar a esses tres personagens o destino que melhor vos parecer. Boa noite.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, POR ALGUNS MOMENTOS)

SPEAKER: - Acabaram de ouvir "Uma noite, em Setembro..." mais um trabalho de Roberto Lis, que, como sempre, é uma oferta da Pantaco S.A. Indústria e Comercio aos seus amigos e favorecedores. E não esqueça que depois de amanhã encerra-se definitivamente o Concurso Pantaco, cujo primeiro premio são cinquenta metros de parquet gratuitos oferecidos por essa conceituada firma. Mande incontinentemente a sua carta com a sua opinião sobre o Grande Teatro Difusora. E na proxima terça feira, às mesmas horas de hoje, Roberto Lis e seus Artistas apresentarão "Alvorada de sangue" mais uma oferta da Pantaco S.A. Indústria e Comercio.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)